

O TUDO QUE TUDO VENCE

O tudo que tudo vence. Mas que tudo é este que vence outro tudo? Há um tudo que vence e outro que é vencido. Mas que vitória é esta? É a maior, é a máxima. Ao dizermos tudo, queremos dizer que nada pode ou deve ficar de fora. Este tudo não admite exceções ou exclusões, mas somente inclusões. Tudo admite, tudo aceita, tudo inclui. Nada lhe pode ou deve escapar.

E que tudo é este que tudo vence? Falando em vencer, há vitórias e vitórias. Pequenas e grandes, transitórias e definitivas. E a vitória, para além do seu grau de grandeza, tira a sua importância daquilo que se vence, do problema ou causa que nos diz respeito. Mais: há vitórias que nos ultrapassam ou nos transcendem e vitórias que estão ao nosso alcance, de um único acto ou de toda uma vida.

Todo o bem que natural ou habitualmente fazemos ou que, com maior ou menor esforço, conseguimos fazer, é sempre uma vitória. Uma vitória, porque nos vencemos.

Imagino o que lhe passa ou passou já pela cabeça, como, por exemplo: “mas, afinal, o que é que ele quer?” Tem razão. Tem toda a razão. Mas, por favor, peço-lhe que continue.

Este tudo que tudo vence, é uma capacidade que, como dizíamos, nos transcende, está acima de nós, mas em nós.

E se todo o bem que habitual ou ocasionalmente fazemos ou conseguimos fazer é sempre uma vitória, muitas outras coisas há em nós e nos outros que só esse tudo pode e deve vencer.

No tempo e no espaço; no passado, no presente e no futuro; a qualquer hora do dia ou da noite; do pico mais alto do mundo ao mais profundo abismo; as guerras e as divisões; os ódios e os ressentimentos; as vinganças e os ajustes de contas; as ofensas e as agressões, os desprezos e as indiferenças; os pré-juízos e os preconceitos; as dúvidas e os erros, a má-fé e as meias verdades; as mentiras, as juras e as congeminações; todo o egoísmo, soberba e vaidade; as calúnias, difamações e condenações; tudo o que é inacabado, imperfeito e frágil; tudo o que é sofrimento e dor, cansa e doença, seja onde, quando e como for, a vida e até a própria morte.

O Tudo que Tudo vence é o Amor.

15-04-2013 P. António Belo

;